

ECONOMIA

Fiesp prevê alta de 4% no PIB industrial

Diretor e economista da entidade, André Rebelo aposta na recuperação do setor nacional e cita importância de reformas estruturais

PALAVRA DO EDITOR

Neste Dia da Indústria, o setor, no Brasil, vive uma recuperação, após os estragos causados pela pandemia. E apresenta resultados positivos, a ponto de uma possível terceira onda da covid não preocupar tanto.

MATHEUS MÜLLER

DA REDAÇÃO

A indústria brasileira vive um momento de recuperação, afirma o diretor estratégico e economista da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), André Rebelo, que prevê crescimento de 4% no Produto Interno Bruto (PIB) industrial neste ano, e de até 3% em 2022. Para que o cenário se confirme, ele reforça a necessidade da aprovação das reformas tributária e administrativa.

“No ano passado, encolhemos 4,1%, foi um tombo! Agora, estamos crescendo 4% em cima da capacidade ociosa (expectativa para o ano). (Em 2022) acreditamos que dê para crescer entre 2,5% e 3%. É um bom resultado porque é um aumento sobre os 4%”, diz.

Rebelo explica que o setor ainda sofre impactos da pandemia, como: a falta de insumos, a alta do dólar e um quadro de funcionários menor – em respeito aos protocolos de segurança –, mas está se superando.

O diretor da Fiesp revela que o impacto da segunda onda da covid-19 está longe do estrago causado no primeiro pico da doença.

“A perda de atividade será bem menor. As pessoas aprenderam a conviver com a restrição. O comércio e o varejo estão funcionando on-line. Estamos em um patamar semelhante ao de antes da pandemia”, diz.

SUPPORTO

Rebelo cita três motivos que dão esperança para que o setor siga a apresentar bons resultados. O primeiro é a vacinação. Embora haja críticas quanto à velocidade da imunização, o diretor da Fiesp crê que o País presta um bom serviço.



Indústrias paulistas superaram os impactos causados pela pandemia e pela alta do dólar e mostram potencial para manter crescimento produtivo

“Vamos virar o 1º semestre do ano com o grupo de risco já vacinado. Estamos chegando à imunidade de rebanho rapidamente e, com isso, as pessoas voltam às atividades, e vai reativando a economia”, aponta.

O segundo ponto é a exportação: “O câmbio está muito favorável, (o momento das) commodities é muito bom”. Em terceiro lugar, o diretor cita a poupança formada por parte das famílias brasileiras que não perderam rendas. “Guardaram mais dinheiro, já que deixaram de viajar, ir a restaurantes, salões... Essa economia (estimada por ele em R\$ 190 bi) pode ajudar no aumento dos gastos”.

DOTOMBO À REAÇÃO

O diretor explica que 2020 “era um ano que prometia aceleração das atividades”. “Os dados preliminares mostravam uma aceleração de venda e produção. A pandemia veio e abortou isso. Pulamos para um vazio, um lugar que não conhecia-

mos. Paramos em abril e maio, uma redução muito forte (das ações)”.

A reação veio em junho e, de acordo com ele, está atrelada diretamente a quatro medidas do Governo Federal: flexibilização das regras trabalhistas, prorrogação dos pagamentos de impostos, linhas de créditos e auxílio emergencial. “Terminamos em dezembro com a indústria (apresentando índices) acima de fevereiro”.

Como a maioria das medidas do Governo Federal chegou ao fim em dezembro, 2021 começou com os “estímulos reduzidos”, o que gerou certo impacto – a produção caiu 2,4% em março, no comparativo com fevereiro, que já havia tido queda de 1% em relação a janeiro.

“Como entramos sem auxílio emergencial, flexibilização, linha de crédito, seguimos no patamar igual ao de antes da pandemia. E, não despendidas de maio a abril”.

Analistas veem crise se agravando

■ O cenário de otimismo apresentado pelo diretor da Fiesp não é compartilhado por economistas ouvidos pela reportagem. De acordo com Alexandre Chaia, professor de Finanças e economista do Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper), o momento da pandemia é o pior já registrado.

“(A segunda onda) foi mais agressiva porque atingiu uma onda de pessoas mais produtivas. Acho que, para a economia como um todo, foi pior”, disse Chaia. Segundo ele, por “incompetência completa” a União não se programou para a

segunda rodada do auxílio emergencial e demais benefícios, o que provoca um endividamento da população. “Não é um problema só para as famílias, como para indústria e comércio”.

O economista Claudio Felisoni, da Fundação Instituto de Administração (FIA), defende dar maior atenção à crise sanitária e ampliar a imunização. “O processo de retomada da indústria e demais segmentos depende fundamentalmente da vacinação”.

REFORMAS

Os economistas apostam

nas reformas administrativas e tributária para a retomada da economia, com a chegada de novos investidores. Entretanto, não acreditam que estas sejam colocadas em pauta às vésperas das eleições de 2022.

“Essas mudanças precisam ser feitas. A aprovação dessas medidas trará muito alento, uma condição mais auspiciosa”, diz Felisoni.

Chaia observa que as reformas são medidas para médio e longo prazo. “Devem começar estancando o problema com foco na saúde e parar de criar insegurança (jurídicas) e incertezas (diante das mudanças no Governo)”.

OSCILAÇÃO

Segundo o diretor da Fiesp, não há como apontar os setores que se destacaram na crise sanitária, pois oscilaram os resultados. Ele dá exemplo: “Na primeira onda, quem segurou foi o setor de alimentos, medicamentos, produtos de limpeza. No segundo semestre, tenho choque de custos e, com isso, as pessoas reduzem (o consumo)”.

CUBATÃO

O Polo Industrial de Cubatão é tido como fundamental para a retomada dos resultados positivos da indústria, aponta o diretor estratégico da Fiesp, André Rebelo. “Cubatão tem um polo petroquímico muito forte. Estão contratando e vão contratar mais”, diz o diretor, ao se basear na necessidade de recomposição de estoques do produto produzido na região.